

Imigrantes*

Gertrud Grimm

No convés de um pequeno transatlântico alemão, um grupo de passageiros viaja cheio de expectativas e esperança ao encontro de sua nova pátria. Karl Martens esforça-se para fazer amizade com pelo menos algumas palavras da língua portuguesa e, se prestarmos mais atenção, ouvimos como ele, com grande esforço, murmura palavras desconhecidas, que repete sempre de novo.

Ainda não aprendeu muito durante os 22 dias desta viagem, em que, diariamente com tenacidade admirável, as reproduz sempre do começo, mas não as consegue guardar na cabeça. Seus dois filhos, Anita e Gustav, têm mais facilidade, pois já sabem tanto quanto o pai, apesar de se ocuparem pouco com a “língua portuguesa”. Os jovens acham as pequenas conversas entre si mais interessantes.

Gustav Martens terminou uma partida de xadrez com Lili Koch e, excepcionalmente, saiu vitorioso. Rindo com petulância, Lili coloca as figuras de volta na caixa, enquanto Gustav a olha espantado. Encontrando seu olhar, ela explica: “Ah, senhor Martens, não caibo em mim de alegria, logo vamos chegar!” “Isso faz-me pensar que a viagem não lhe agrada?” “A viagem?” ela continuou: “A viagem foi a melhor coisa da minha vida. Eu me senti como num conto de fadas. Mas, agora, estou perto de ver de novo meus pais; há quase oito anos que não os vejo.” De repente, sua alegria se transformou em melancolia e, sem pensar, Gustav pegou em sua mão. “Por favor, senhorita Koch, conte-me por que seus pais não a levaram com eles?” “Sim, por quê? Também não sei. Na época, fiquei bem satisfeita em ficar com os avós. Acho que meus pais tinham medo de me levar para o desconhecido, queriam primeiro arrumar um meio de vida. No começo, passaram por muitas dificuldades. Necessidades, privações e muitos fracassos, causados muitas vezes por falta de conhecimento, levaram-nos à beira do desespero. E a saudade, a terrível saudade... Nos primeiros anos, não soubemos quase nada a seu respeito, mas depois a minha mãe passou a escrever muitas vezes. No ano passado, venderam uma pequena propriedade e mudaram-se para a cidade. O trabalho no campo, com o tempo, tornou-se muito difícil. Veja aqui”, ela tirou da bolsa algumas fotos, “aqui tenho alguns retratos do Brasil. Esta casinha pequena, feita de troncos finos, foi até há pouco a moradia de meus pais.” Ela mostrou-lhe mais algumas fotografias e foi-lhe explicando o conteúdo,

* Tradução de Karola Zimmer. *Serra-Post-Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1951, p.127-136.

que conhecia bem das cartas dos pais, como se o tivesse vivenciado. Anita, a irmã de 14 anos de Gustav, que acompanhava com interesse o modo como o talentoso desenhista Fred Weller fazia o retrato de Heinz Schraeger, juntou-se curiosa a eles, e quando viu os pais de Lili fotografados com roupas de inverno, exclamou espantada: “O quê? No Brasil faz frio? Eu pensei que estávamos viajando para o eterno verão.” Enquanto isso, Fred Weller havia terminado com muito sucesso o retrato de Heinz Schraeger e recebeu agradecido o pagamento combinado. Fred era o mais pobre de todos. Como vestuário possuía apenas o que usava no corpo, e o dinheiro para continuar a viagem de Rio Grande para Porto Alegre estava rigorosamente contado, constituindo o seu único pecúlio. Durante a viagem tinha retratado o capitão e uma parte dos marinheiros mediante uma pequena renumeração e, assim, obtido uns parcos trocados. Sua história era fora do comum. Um amigo seu, que tinha parentes no Equador, queria imigrar para lá e Fred cogitou acompanhá-lo. Não tinha, porém, dinheiro para a viagem e seu amigo também não podia ajudá-lo; pensou, por isso, em viajar como clandestino. Providenciou os documentos necessários e sua bagagem deveria ir para bordo no nome do amigo. Sim, os dois amigos tinham planejado tudo detalhadamente e imaginado tudo em róseas cores. O navio, o “Bodengraven”, seguia de Amsterdam para o Equador, e foi assim que, um dia, deixaram a pátria, seguindo primeiro para a Holanda. O amigo subiu a bordo com sua bagagem e a de Fred, e Fred esperou até meia noite, até tudo ficar quieto. O navio deveria partir às cinco da manhã. Com muito cuidado, como um ladrão, subiu pelo costado da embarcação e, tateando no escuro, escondeu-se no compartimento do carvão. Tudo funcionou perfeitamente, ninguém o tinha visto e, aliviado, tentou dormir um pouco. Não sabia se dormira muito, apenas sabia, nervos à flor da pele, que há uma eternidade esperava pelo barulho do navio, zarpando. Finalmente, não aguentou mais, e saiu do esconderijo gatinhando. Silenciosamente, mal respirando, arrastou-se sem encontrar ninguém. Era dia claro e o navio parecia vazio. Esquecendo todo cuidado, correu para o convés; numa bóia leu um nome. Não era “Bodengraven”. Aos poucos foi se apercebendo com tristeza que o navio já partira há muito, tinha partido sem ele. Na excitação e no escuro tinha subido num navio errado, o qual, conforme soube mais tarde, partiria para a Índia nos próximos dias. Como num sonho abandonou a embarcação. Estava num país estranho, totalmente sem meios, vestindo o pior terno que possuía, e todas as suas posses estavam a caminho do Equador. Felizmente, tinha conservado consigo os documentos. Vivia com dificuldade, à noite dormia ao ar livre. Depois de alguns dias, achou emprego num hotel como servente. Queria trabalhar até juntar dinheiro para seguir atrás de sua bagagem. Um hóspede, que falava alemão, e que já tinha viajado muito pela América do Sul e a quem, um dia, havia contado tudo, aconselhou-o decididamente a não viajar para o Equador, devido ao clima. Deu-lhe de presente um livro, em que leu muito a respeito do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, capital do Estado. E, assim, foi que desistiu de viajar para o Equador e se decidiu por Porto Alegre. Com dificuldade conseguiu o visto para o Brasil em

Amsterdã e, quando num belo dia obteve o último florim para fechar a quantia rigorosamente economizada para pagar a viagem, subiu a bordo deste pequeno navio, e logo passou a desfrutar da maior simpatia, devido ao seu bom e indestrutível humor. Menos querido era Heinz Schraeger, há pouco retratado por Fred. Sempre bem vestido e elegante, tinha uma postura muito arrogante. Com o contrato de uma firma de Porto Alegre no bolso, achava que o mundo só não saía dos eixos por sua causa e, diariamente, reclamava da comida do navio, da falta de comodidade e do tédio. Levantou-se da espreguiçadeira para mostrar o desenho a Karl Martens, mas quando o viu mergulhado na sua “Língua portuguesa”, fez em pensamento um comentário bastante desrespeitoso sobre o esforço aparentemente inútil de Karl e dirigiu-se aos quatro jovens. Neste momento, a senhora Martens, que havia terminado a sesta habitual, também apareceu no convés. Antes de poder sentar-se com Karl foi chamada por Anita, que lhe mostrou entusiasmada o desenho de Fred e as muitas fotos do Brasil e dos pais de Lili Koch. Ao ver a mulher, Karl fechou o livro e olhou-a pensativo. Sabia que ela sofria e que a despedida da pátria alemã lhe tinha sido especialmente penosa. Sabia que ela muitas vezes não dormia à noite, que se preocupava com o futuro. No seu íntimo dava-lhe razão, apesar de não confessá-lo abertamente. Não eram os mais jovens, viajavam, como se diz, com a cabeça cheia de ilusões, para um país estrangeiro, desconhecido, onde não conheciam ninguém. O que afinal sabiam sobre o Brasil? Apenas que artesãos bons e competentes, como ele e seu filho, nunca haveriam de perecer enquanto pusessem seu esforço e seu trabalho de maneira honesta a serviço da nova pátria. E, sem dúvida, era isso que queriam. Sua mulher sentou-se sorridente ao seu lado e, como sempre, falaram do que haviam deixado na velha e querida pátria, e com esperança temerosa pensavam nos próximos dias. De manhã cedo haveriam de chegar a Rio Grande, o último pedacinho de pátria ficaria amanhã no pequeno barco. O que será então? Será que alguma vez o país desconhecido, o grande Brasil cheio de futuro poderia substituir a pátria? Com tristeza, Luise disse a Karl: “Pena que os pais de Lili não morem em Porto Alegre. Se morassem, já teríamos alguém que nos poderia aconselhar, que nos poderia ajudar em caso de necessidade.” Karl sacudiu a cabeça: “Não Luise, é melhor assim, não ficaremos a dever gratidão a ninguém, e ninguém poderá mais tarde censurar-nos: se não tivesse sido eu, só a mim você deve o fato de não ter perecido miseravelmente na sujeira da rua. É melhor quando se ascende pelo próprio esforço e se chega a algo por si mesmo, você pode acreditar.”

II

Devagar, muito devagar habituaram-se às novas e desconhecidas condições e se acostumaram à vida na nova pátria. Em muitas coisas tinham que mudar completamente, abandonar hábitos antigos e queridos. Mas também muitas belezas inesperadas eram-lhes oferecidas pela vida na nova pátria e,

em geral, estavam satisfeitos e felizes. Sobretudo os jovens se acostumaram rapidamente às novas condições e, se não fossem as dificuldades com a língua, nem teriam sentido a diferença entre a nova e a velha pátria. Gustav Martens e Fred Weller logo ficaram unidos por uma amizade firme e verdadeira e Fred, que tinha encontrado abrigo numa pensão alemã, tornara-se hóspede frequente e querido da família Martens. Karl e seu filho Gustav, já na primeira semana, acharam um emprego dentro de sua profissão, tendo Karl conhecido na empresa um patrício, aproximadamente da mesma idade, o qual conhecia bem a sua cidade natal. Não foi de estranhar que os dois homens logo se tornassem amigos e se passassem a visitar com suas respectivas mulheres. Fritz Lehmann e a esposa haviam chegado ao Brasil cerca de oito anos antes e já se haviam adaptado a tudo. Sim, Minna Lehmann entendia muito bem Luise Martens, quando esta, vitimada pela saudade da pátria, queria voltar de qualquer maneira. As pequenas dificuldades e frustrações, das quais os imigrantes sem recursos nunca eram poupados, deixavam-na insatisfeita e mal humorada, matando-lhe por vezes todo senso de justiça, e havia horas em que ela fazia sofrer além da medida seu marido muito amado.

Também Fred logo achou um emprego, mas o destino parecia tê-lo escolhido para joguete de seu humor. Ele não temia nenhum trabalho e, se fosse necessário, teria varrido com prazer o lixo das ruas. Mas tinha que ter consideração, muita consideração por seu único terno, já muito velho e judiado e tinha que ser cuidadoso na escolha de suas atividades para que o terno não lhe caísse do corpo em farrapos. Assim, quando um arquiteto alemão, que conheceu por acaso, o convidou para projetar e executar, num município vizinho, a construção e a instalação de estandes para uma planejada exposição industrial, ele aceitou com prazer. No mesmo dia partiu com o novo chefe, mal teve tempo de se despedir dos Martens, que lhe desejaram boa sorte de todo coração. Fred não só trabalhou, mas trabalhou como um doido, pois o dia da inauguração se aproximava com grande rapidez. E ele conseguiu. Enquanto à entrada já soava a marcha de abertura, no último estande ele pintava a última letra, mais morto que vivo. Depois de haver dormido como uma pedra, foi direto para um alfaiate. Durante o trabalho Fred não havia recebido pagamento algum, já que o chefe só conseguiria dinheiro depois da abertura da pequena exposição. É verdade que ele havia assumido o custo da hospedagem de Fred na pensão, e feito o pagamento semanal, e também lhe dado um modesto adiantamento. E, como Fred, durante três meses, tinha trabalhado muitas vezes do nascer do sol até depois da meia-noite e, no final, varado as noites, seu crédito havia alcançado uma soma respeitável. A exposição aproximava-se do fim e Fred dirigiu-se alegremente ao hotel para fazer as contas com o chefe. Ali, porém, ficou sabendo que o chefe já havia partido para Porto Alegre há dois dias. Pode-se imaginar sua reação ao saber disso.

Até o fim da vida, com certeza, Fred será grato ao prefeito da pequena cidade que, de forma generosa e sem procurar vantagem, providenciou para que Fred pudesse voltar a Porto Alegre e

ainda com um terno novo em folha. Naturalmente, de nada adiantou denunciar o chefe, pois este um dia desapareceu de Porto Alegre e ele nunca mais ouviu falar dele. Depois disso, começou a trabalhar por conta própria e, como se esforçava honestamente em fornecer serviço limpo, começou a ter um modesto retorno.

Também Heinz Schraeger aparecia de vez em quando na casa dos Martens. Nada havia mudado no seu comportamento, realmente, era e continuava sendo um janota vaidoso, que não hesitava em fazer comentários depreciativos sobre o Brasil. Deixavam-no falar, sem se incomodarem, conheciam demais a sua superficialidade e não lhe tomavam todas as palavras ao pé da letra.

Certa vez Luise Martens pegou o álbum de fotografias e mostrou aos Lehmanns as fotos da pátria e também as da viagem, quando, de repente a senhora Lehmann exclamou: “Esta é a senhorita Lili.” Como se tivesse sido picado por uma tarântula, Gustav levantou-se: “A senhora conhece Lili? A senhora conhece a senhorita Koch?” Todos olharam espantados para ele que, de repente, não sabia mais para quem olhar de tão acanhado, mas todos ficaram muito admirados, quando se ficou sabendo que os Lehmanns tinham feito a travessia no mesmo navio que os pais de Lili. E, desde que os Koch se tinham estabelecido em São Leopoldo, eles já se tinham encontrado algumas vezes e, no último encontro, os Lehmanns tinham conhecido Lili, pelo que a senhora Minna a tinha reconhecido imediatamente na foto.

E quando chegou o outro domingo, Gustav tomou o ônibus logo cedo e foi para São Leopoldo. O primeiro encontro entre os dois jovens foi decisivo para as suas vidas, sem que tenham sido necessárias muitas palavras.

Gustav olhou com interesse para o provérbio pendurado na parede da casa dos pais de Lili e, como ainda não sabia muito português, teve muita dificuldade em entendê-lo. Mas gostou tanto dele que, quando voltou para casa, cumprimentou os seus com as palavras:

**Sempre lustig,
Nunca traurig,
Quem não pode,
Den bedaur' ich.¹**

E depois veio o Natal, a primeira festa natalina no estrangeiro. No calor abafado do verão, olhando o pinheiro enfeitado, todos sentiram saudades da pátria invernososa e do cheiro aromático da árvore de natal. E, bem baixinho, quase inaudível devido ao choro reprimido, cantaram a mais bela canção natalina alemã “Noite serena, noite sagrada”. Era já tarde quando os Lehmanns e também Fred Weller, assim como Heinz Schraeger chegaram, e os pensamentos de todos voaram longe por sobre o mar, despertando velhas e queridas lembranças. Brindaram ao bem da distante pátria alemã e,

¹ - Sempre alegre/Nunca triste/Quem não pode/dele tenho pena!

acompanhados na gaita por Gustav, entoaram efusivos e emocionados:

Além do mar, além do mar, te saúdo minha pátria, minha pátria!

III

Muitos anos se passaram. Há muito Gustav e Lili formavam um casal e dois garotos robustos completavam sua felicidade. Fred e Anita também se tinham unido e estavam casados há algum tempo. Heinz Schraeger tinha desaparecido, ninguém sabia o que tinha sido feito dele. Um dia, o diabo do jogo tinha tomado conta dele e não o largara mais. O final da história rezava que ele metera a mão no cofre do chefe, que mandou prendê-lo sem mais aquela. Fritz Lehmann e sua mulher tinham viajado em visita à pátria. Eles a quem o destino não tinha dado filhos, haviam vivido todos esses anos só para isso, poupando, para ver mais uma vez a velha pátria querida.

Um domingo, Luise dormia a sesta, quando alguém bateu de leve, hesitante, na porta e, quando Karl a abriu, na sua frente estava Heinz Schraeger. Levou alguns segundos até que Karl o reconhecesse. Schraeger, que sempre parecia saído de uma revista de moda, estava irreconhecível e, modesto, detinha-se diante da porta. Por um momento os dois olharam-se mudos, mas logo Karl lhe estendeu a mão e, puxando-o para dentro da sala, deu-lhe as boas-vindas. Envergonhado e acanhado, Heinz deixou-se cair em uma cadeira. Karl deu-lhe tempo para se acalmar. Em vez disso, Heinz deixou de repente cair a cabeça sobre a mesa e começou a soluçar. Paternalmente, Karl bateu-lhe no ombro. “Levante a cabeça Schraeger, não se deixe abater, o que passou, passou, ninguém pode mais mudar as coisas”. E, depois de uma pausa, continuou: “Onde você esteve todos esses anos?” Finalmente, Heinz se refez e contou: “Fui para o interior...Trabalhei na lavoura para um colono alemão, não agüentei a jornada, Sr. Martens, o trabalho era muito pesado. Na cidade não se tem a menor ideia do que um colono tem que produzir. Eu não podia mais, queria voltar para a pátria, para casa. Lá talvez eu pudesse conseguir trabalho, fui para o porto para pedir ajuda a um capitão de um navio alemão – mas depois não tive coragem e aí vim para cá.... não quero voltar para a pátria como um fracassado.”

Em tom consolador, Karl replicou: “Vamos deixar as coisas assentarem, venha e arrume-se.” E levou-o até o antigo quarto de Gustav.

E, depois, Karl teve uma briga feia com Luise, que se opunha com todas as forças a ter o “ladrão”, como o chamava, abrigado sob seu próprio teto. “Não quero um criminoso em minha casa, não mesmo.” “Mas Luise, todos nós, alguma vez na vida, cometemos uma bobagem, pequena ou grande, ninguém é sem defeitos... Vamos tentar ajudá-lo a se recuperar?” E, como Luise continuasse muda, ele insistiu: “Ponha-se no lugar de seus pobres pais! Quantas lágrimas devem ter derramado por ele, quanto ainda se preocupam, será que estará perdido para eles para sempre?” Por fim, ela

cedeu: “Por mim, Karl, ele pode ficar.” “E você não vai dar a perceber que não gosta de vê-lo aqui?” “Não, Karl, em consideração a seus pais, serei uma mãe para ele.”

Comovente foi a cena em que Schraeger soube que um lar carinhoso haveria de ajudá-lo a superar todas as dificuldades e que todos o recebiam de braços abertos.

E, um dia, os Lehmanns voltaram de sua visita à pátria. As perguntas e os relatos não tinham fim e, a certa altura, Karl perguntou: “E agora digam francamente, quando vieram embora a despedida não foi muito difícil?” Fritz Lehmann olhou-o sincero: “Não Karl, nem um pouco. Eu mesmo não teria acreditado, mas a vida na pátria, com o decorrer dos anos, ficou estranha para nós. Não encontramos nenhuma das pessoas queridas que havíamos deixado para trás, também a aldeia onde nascemos está completamente diferente daquela que guardamos na lembrança. Tudo mudou.” E Minna acrescentou: “Houve momentos em que tive até saudades de nosso querido Brasil.”